

O EMBARAÇO DA VIRGINDADE EM NOSSOS TEMPOS, ANÁLISE E PANDEMIA NO PROCESSO DE CONQUISTA DO PRÓPRIO CORPO

EL EMBARAZO DE LA VIRGINIDAD EN NUESTROS TIEMPOS, ANÁLISIS Y PANDEMIA EN EL PROCESO DE CONQUISTA DEL PROPIO CUERPO

DANIELLE M BREYTON

Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae onde participa do grupo de trabalho e pesquisa "O Feminino no imaginário cultural contemporâneo" e do grupo de entrevista da revista Percurso.

HELENA M. F. M. ALBUQUERQUE

Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae; integrante neste Departamento do Grupo de Trabalho e Pesquisa 'O feminino e o imaginário cultural contemporâneo'; Mestre em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP).

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Breyton D. - ALBUQUERQUE H. (2020) O EMBARAÇO DA VIRGINDADE EM NOSSOS TEMPOS, ANÁLISE E PANDEMIA NO PROCESSO DE CONQUISTA DO PRÓPRIO CORPO Intercambio Psicoanalítico 11 (2), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/14.2.1/ Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

O EMBARAÇO DA VIRGINDADE EM NOSSOS TEMPOS, **ANÁLISE E PANDEMIA** NO PROCESSO DE CONQUISTA DO PRÓPRIO CORPO

Danielle M Breyton¹

Helena M. F. M.
Albuquerque²

1 Psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae onde participa do grupo de trabalho e pesquisa "O Feminino no imaginário cultural contemporâneo" e do grupo de entrevista da revista *Percurso*.

2 Psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae; integrante neste Departamento do Grupo de Trabalho e Pesquisa 'O feminino e o imaginário cultural contemporâneo'; Mestre em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP).

Quando se tem que ficar irremediavelmente parado, é impressionante a mobilidade mental que se pode adquirir. Pode-se ampliar o presente tanto quanto se quiser, ou lançar-se vertiginosamente para o futuro, ou dar marcha a ré, que é mais perigoso porque lá estão as lembranças, as boas, as regulares e as execráveis.

Mario Benedetti em Primavera num espelho partido

São diversos os casos em que direta ou indiretamente acompanhamos o sofrimento de jovens mulheres embaraçadas pela virgindade que, com o passar do tempo, vai se tornando um entrave que não conseguem transpor. Frequentemente falam do desejo de pular essa parte, resolver logo esse assunto. Mas, em detrimento de seus desejos de minimizar o tema, ele, ao contrário, vai virando uma muralha intransponível. Muitas vezes o constrangimento e o quão inadequadas se sentem nesse mundo em que a sexualidade feminina está supostamente desmistificada, torna a questão da virgindade um segredo que não conseguem compartilhar nem com as amigas mais próximas, e se veem tropeçando nas mentiras que acabam inventando para conseguir participar das conversas e confidências.

O uso da expressão 'embaraçadas pela virgindade' não foi escolhida por acaso. Algumas décadas atrás, 'estar embaraçada' significava estar grávida e o embaraço causado pela gravidez ligado a evidência inequívoca da experiência da sexualidade na vida daquela mulher. O imperativo superegóico vigente na época para as mulheres solteiras era a manutenção da virgindade até o casamento. Incontáveis as mulheres que sofreram discriminação e punição pela falta de virtude moral ao ser constatado não serem mais virgens.

Os tempos mudaram, avançamos meio século, e, surpreendentemente, nos deparamos com os mandatos superegóicos incidindo sobre as mesmas teclas, pelo avesso. O embaraço, a vergonha e a punição se dão, agora, pelo mandato oposto: 'não ser virgem', 'ter que transar'. É preciso que a vida sexual se inicie precocemente e que isto se dê sem conflito e sem hesitações. A regra é ser livre e demonstrar desapego.

Menos ligada ao rompimento do hímen, ou ao encontro heterossexual marcando a sexualidade pela penetração, a virgindade em questão, nesses casos, se refere a inexperiência de vivências partilhadas de intimidade corporal. Na maioria dos casos trata-se de jovens mulheres, que participam dos circuitos de sociabilidade: escola, faculdade, festas, bares. Nos encontros em bares e festas, frequentemente regados a muito álcool, já trocaram beijos e alguns amassos, mas sem que entendam bem suas razões, se esquivam. Entre francas mentiras ou meia-verdades a virgindade vai virando um segredo que guardam solitariamente e, a cada vez, mais difícil de ser rompido. Sentem que o tempo está passando e não conseguem se desenrolar da teia que montaram para si mesmas. Elas podem ter 17, 25 ou 30 anos.

Nos desvios que promovem podem fazer uso de discursos feministas que desconstruem a virgindade enquanto um valor social. Mas, assim, sem poder cuidar desses primeiros momentos, acabam presas num circuito de evitação. Ficam completamente invisíveis em suas dificuldades, pois supostamente essas barreiras já não existem. Suas mães e pais falam abertamente do sexo que supõem presente na vida da filha, e a mãe interpela a filha tristonha com uma insinuação: “Não é gravidez, não, né?”. Assim, essas jovens se veem deslocadas em si e compelidas a deixar silenciado aquilo que parece não caber no mundo.

Silvia Alonso (2011) pergunta: “Que mitos serão esses que estão começando a substituir os mitos da mulher mãe, da passividade erótica e do amor romântico imperantes no imaginário social da modernidade? Quais são os lugares do permitido e do proibido, do belo e do feio, do valorizado e do desvalorizado para os homens e para as mulheres que as narrativas pós-modernas desenham?” (p.319)

Chama atenção a interpelação da mãe, que parece precisar mostrar naturalidade com a sexualidade da filha. Os pais, aqui também capturados pelos preceitos de liberdade sexual da atualidade, não se diferenciam do lugar onde se encontra presa a filha. Uma outra posição, que introduzisse algum conflito em relação ao imperativo de gozo vigente na cena social da filha, poderia favorecer a abertura de um espaço de elaboração dessa sempre delicada passagem na adolescência. Longe de ter uma percepção mais próxima do que acontece com a filha, a mãe termina reforçando o mandato superegótico ao presumir a possibilidade de gravidez da filha como causa do mal-estar desta. Uma mãe que, ao que tudo indica, não pode criar conflito, falar desde uma outra posição, aprisionada no mesmo mandato dos ideais contemporâneos, ela também jovem e moderna.

Carolina iniciou sua análise aos 17 anos. Sofria com excessos de pensamentos e uma exigência implacável que a atormentava constantemente. Estava em seu último ano de escola e sonhava com a chegada dos 18 anos quando supostamente teria a tão sonhada liberdade de fazer tudo o que quisesse, sem precisar de autorização de ninguém. Estaria também livre da escola. Ela saía pouco, porque não gostava, mas também porque a escola impedia, sendo muito exigente e demandando muita dedicação. Nunca tinha namorado, mas vivia um virtual grande amor, relativamente correspondido, porém supostamente impedido pelas pressões do vestibular. Se conheciam, mas nunca se encontravam. A relação se dava por mensagens de whatsapp. Ela, resignada, se guardava... e resguardava seu narcisismo de qualquer mínimo abalo que lhe parecia insuportável. Tinha amigas e vivia, com paixão, os dramas amorosos dos outros.

Durante um bom tempo a análise girou criando condições dela se apropriar de suas dificuldades, seus medos e, lentamente, ir se reconhecendo sujeito ativo de seus impedimentos. Devagar foi se soltando do drama e das paixões dos outros, também do seu amor em estado inabalável, e começou a poder assumir alguns pequenos riscos, expandindo a sua circulação para além dos territórios muito dominados por ela. Experimentou aproximações com meninos e meninas em festas e bares e, assim, foi se descobrindo atraente como nunca tinha se imaginado.

O tema da virgindade começou então a poder ser pensado. Ela não queria fazer disso uma grande história, e, ao mesmo tempo, guardava em si um forte romantismo em que montava grandes histórias em detrimento de sua racionalidade. Sem possibilidades intermediárias, o impedimento no campo da sexualidade permanecia com forte intensidade.

Vemos a condensação de três fatores no seu sintoma: o narcisismo que não pode ser arranhado, uma dinâmica psíquica prevalente do campo do eu ideal aliado ao mito do amor romântico, e a irrupção da sexualidade. A ideia de um grande amor eterno e inabalável, no qual o narcisismo não sofreria nenhum estremecimento ou arranhão, entra em choque e conflito com o incremento da força pulsional. A experiência sexual, para ser vivida de forma prazerosa, depende, efetivamente, de uma elaboração satisfatória do narcisismo, sem a qual pode ser experimentada de forma muito ameaçadora.

“A sexualidade é suja”, nos diz uma outra jovem. A ‘sujeira’ não se refere aos cânones morais, mas àquilo que é cheio de sangue, suor e carne, impossível de ser controlado. A sexualidade ‘suja’ entra num embate tanto com o narcisismo quanto com o amor romântico, pois nunca está em consonância com as suas premissas. Segundo Dejours: “(...) a ativação deletéria da pulsão de morte se produziria o mais tipicamente no encontro amoroso. No decorrer das trocas eróticas os amantes brincam com as diferentes partes do corpo e solicitam a subversão libidinal até seus limites.”

Entramos, então, na quarentena e Carolina, que estava podendo viver em carne e osso suas primeiras aproximações, viu-se novamente impedida por razões externas. “Tinha jurado que nunca mais embarcaria em pseudo-relações virtuais”, dizia ela com alguma resignação.

Sem que percebesse uma mudança, começou a passar horas e horas em bate papos com amigos, dessa vez com câmera aberta, em tempo real, ao vivo e à cores. Um belo dia traz para a análise uma situação que a perturbara. Um dos amigos com quem conversava na madrugada acabou lhe pedindo que tirasse a roupa. Ela ficou desconcertada, não gostou, jamais faria aquilo. Não fez, mas entendeu que aquele pedido estava no jogo dos possíveis, assim como o seu não, e se permitiu continuar jogando. Através da proteção da tela, foi encontrando uma condição de regulação da excitação e da aproximação nessa modalidade mais encarnada.

No decorrer dos meses foi se envolvendo com um outro menino, com ele foi fazendo mil planos, foram se declarando apaixonados e ardiam por um encontro que acabaram planejando. Carolina, mais segura de seu lugar, pôde então, com seu discurso feminista a seu favor, simplesmente avisar os pais que sairia do confinamento para passar um final de semana na casa de um amigo. E assim foi.

Em suas idas e vindas hoje reformula: “Entendi que não é que não existe a primeira vez, na verdade são muitas primeiras vezes”.

Essa situação clínica nos parece consoante com a impressão partilhada por diversos analistas de que não apenas as análises seguem e funcionam no modelo online, mas que, em algumas situações, avanços e aberturas parecem decorrentes e propiciados pelo novo enquadre. Sem querer fazer disso uma generalização, porque evidentemente também coisas se perdem nesse modelo de atendimento, pretendemos levantar aqui algumas hipóteses para pensar a interferência dessas mudanças em um processo analítico.

Muito se fala sobre a mudança na forma do atendimento, mas é importante pensar o efeito da pandemia também. A pandemia, o risco de morte que ela evidencia e, no caso da covid-19, toda a diferenciação estabelecida sobre seus efeitos entre as crianças, os adultos e os idosos, marcando diferenças geracionais que andavam um tanto borradas, promove um corte que pode também ser libertador.

A emergência dos tempos da vida, suas transformações, seus limites no corpo, em um processo de análise pode também favorecer um espaço para o desejo e sua realização sempre parcial, quebrando imperativos superegóicos paralisadores em que só tudo interessa.

Também vale pensar no risco de contaminar e ser contaminado, de morrer e de matar despertando fantasmas e fantasias arcaicas. Tudo isso certamente também faz parte de um adensamento do caldo das análises que encontraram na tecnologia uma via de seguir seu curso, e também daquilo que eleva a angústia e faz surgir tantas novas demandas de análise.

Em recente debate sobre o atendimento online e a presença ou não do corpo nessa modalidade de atendimento, Joel Birman formulou que o corpo do analista se presentificava pela voz. Consideramos que a pandemia efetivamente abriu caminho para uma certa mudança de rumo no uso das tecnologias. Elas que vinham favorecendo uma retirada dos corpos no império das mensagens rápidas, em palavras crescentemente abreviadas, comunicação facilitada por símbolos oferecidos numa cartela (beijo, sorriso, agradecimento, festa, brinde, etc.), hoje expandem os recursos para encontros e reuniões. Entre os mais jovens isso é bastante perceptível, já praticamente não falavam ao telefone, numa evitação do ‘ao vivo’ do encontro, apenas na troca de mensagens, muito conveniente à não intervenção do outro. Uma espécie de diálogo descompassado, que preserva um grande espaço ao controle e coesão egóica,

deixando fora do jogo a timidez que ruboriza o rosto, a emoção que faz tropeçar a língua ou marejar os olhos, a excitação que exalta os gestos. Hoje, banidos das ruas, escolas, festas, acabaram por reinvestir também nos novos recursos tecnológicos a serviço de uma possibilidade viva e dinâmica do encontro.

O tempo 'parado' é outra novidade trazida pela pandemia, principalmente para os mais jovens, habituados com a sociedade do espetáculo na qual o show não pode parar e não há espaço para o silêncio, para o vazio, e tampouco para a polissemia das palavras. Nas baladas barulhentas, sem intervalo, em um tempo cheio, sempre preenchido por altos estímulos sonoros e visuais, em um espaço também cheio, ocupado pela multidão, a conversa e a palavra ficam um tanto desinvestidos, sem lugar, ninguém se escuta muito bem. Fez-se silêncio, no tempo parado da pandemia, e a palavra aberta para seus múltiplos sentidos parece poder voltar a circular no campo do diálogo com o outro.

As trocas e conversas, com câmera aberta, que se alongam no tempo possibilitam a construção de um certo campo de intimidade. Campo de intimidade que, muitas vezes, se via atropelado nos encontros que muito rapidamente iam ao ato, sem mais demora, sem o tempo de tentar conhecer melhor um ao outro, de estabelecer um laço do qual faça parte a troca afetiva. Embalados, os homens e as mulheres, pela pressa de não se verem embaraçados pela virgindade, em clara formação reativa. Diante do temor da proximidade e da assustadora intensidade e desconhecimento das novas sensações corporais, a mediação da tela pode abrir um espaço de aproximação, protegido do mandato superegótico contemporâneo: "Goze já!".

Referências Bibliográficas

- ALONSO, S.L. (2011) O tempo, a escuta, o feminino. São Paulo, Casa do Psicólogo. (Coleção Clínica Psicanalítica/ dirigida por Flávio Carvalho Ferraz).
- AMBERTÍN, G.M. (2003) As vozes do supereu, na clínica psicanalítica e no mal-estar na civilização. São Paulo, Cultura Editores Associados.
- BIRMAN, Joel. (2020) Uma leitura psicanalítica da pandemia. Conferência on-line do EBEP-Rio (Espaço Brasileiro de estudos psicanalíticos), em 16/06/2020. https://www.youtube.com/channel/UCqizV7Proe_y5NhqNIMwA
- DEJOURS, C. (2001) Le Corps, d'abord. Corps biologique, corps érotique et sens moral. Paris: Payot & Rivages.
- FREUD, S.. (1918) O tabu da virgindade. (Contribuição à psicologia do amor.) In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XI
- _____ (1930) O mal-estar na civilização. In: Sigmund Freud, Obras Completas; tradução Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia das Letras, 2010. v. 18